



Iracema

JOSÉ DE ALENCAR

JVA EDITORA

JOSÉ DE ALENCAR

Iracema

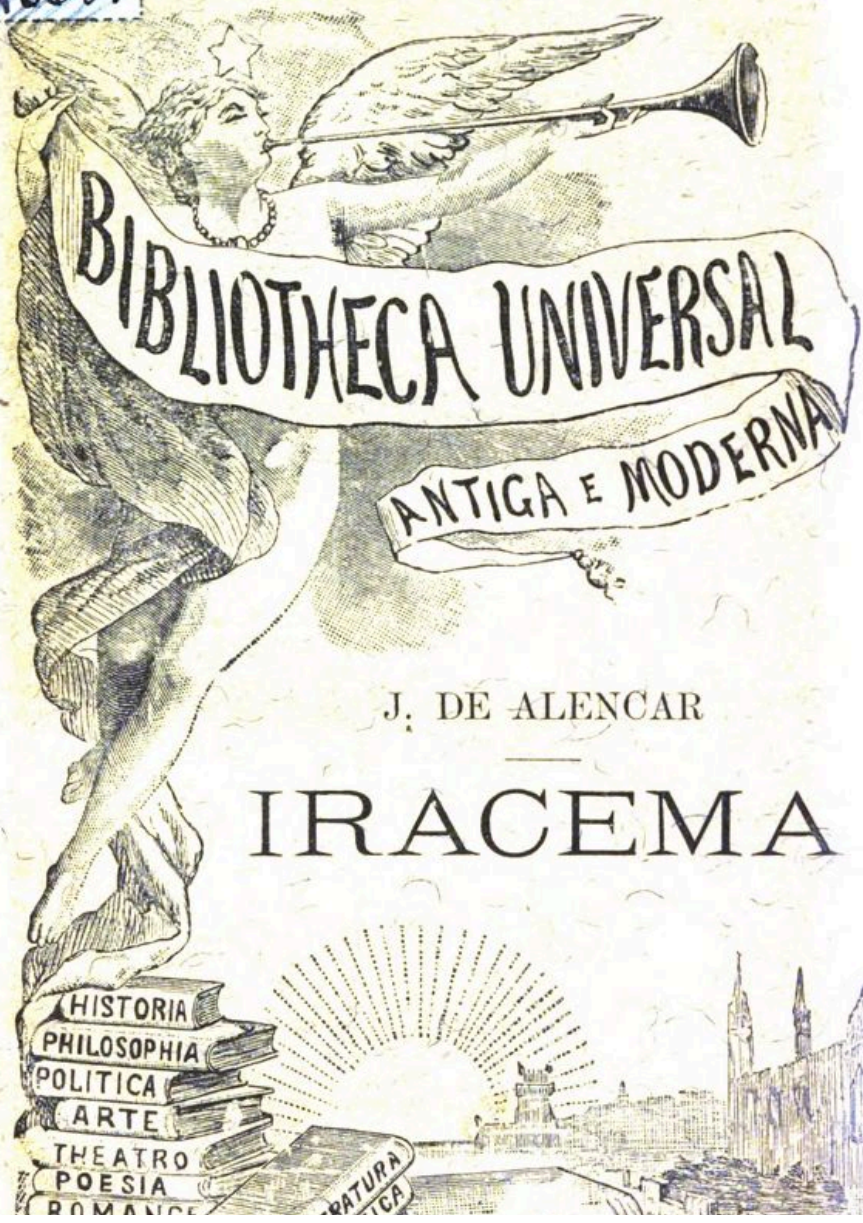
Primeira publicação: 1865

Edição de domínio público

JVA Editora

1115
A3681

Cada volume — 100 réis





BIBLIOTHECA UNIVERSAL

ANTIGA E MODERNA

IRACEMA

POR

JOSÉ DE ALENCAR

COM UMA NOTICIA BIOGRAPHICA DO AUCTOR

13ª SERIE—NUMERO 49

LISBOA

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora de DAVID CCRAZZI e JUSTINO GUEDES

40—Rua da Atalaya—52

FILIAES: Praça de D. Pedro, 137, 1º andar, PORTO

38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro

1890

Á TERRA NATAL

UM FILHO AUSENTE

INDICE

NOTICIA BIOGRAPHICA

MEU AMIGO

IRACEMA

CAPITULO I

CAPITULO II

CAPITULO III

CAPITULO IV

CAPITULO V

CAPITULO VI

CAPITULO VII

CAPITULO VIII

CAPITULO IX

CAPITULO X

CAPITULO XI

CAPITULO XII

CAPITULO XIII

CAPITULO XIV

CAPITULO XV

CAPITULO XVI

CAPITULO XVII

CAPITULO XVIII

CAPITULO XIX

CAPITULO XX

CAPITULO XXI

CAPITULO XXII

CAPITULO XXIII

CAPITULO XXIV

CAPITULO XXV

CAPITULO XXVI

CAPITULO XXVII

CAPITULO XXVIII

CAPITULO XXIX

CAPITULO XXX

CAPITULO XXXI

CAPITULO XXXII

CAPITULO XXXIII

NOTAS

CARTA AO DR. JAGUARIBE

NOTICIA BIOGRAPHICA

José Martiniano do Alencar. Este grande escriptor brasileiro, mais conhecido pelo nome de José de Alencar, nasceu no Ceará no dia 1 de janeiro de 1829, sendo filho, ao que parece, do illustre politico do mesmo nome. Dizemos "ao que parece" porque nas biographias d'este grande escriptor, que temos presentes, não se accusa a sua filiação. Pode ser lapso, pode ser outro motivo qualquer que não precisamos de apurar. O que é certo é que José Martiniano d'Alencar mostrou desde creança um grande engenho. Tinha 17 annos quando em 1840 se matriculou na faculdade de direito de S. Paulo para tomar, como tomou, o grau de bacharel, tendo ido porém em 1848 concluir os seus estudos juridicos e formar-se na eschola de Olinda.

Em S. Paulo começou a manifestar-se o seu talento litterario, publicando varios artigos n'um periodico intitulado: *Ensaios*, e redigido pelos estudantes da Faculdade, que appareceu em S. Paulo nos annos de 1840 a 1848.

Em 1851 concluiu Alencar o seu curso, e veio logo para o Rio de Janeiro, entregando-se então com mais desafogo aos trabalhos litterarios. Estreiou-se na capital do imperio escrevendo no *Correio Mercantil* um artigo de critica acerca das *Poesias* de Augusto Zaluar. N'esse mesmo anno, como que

para mostrar que as suas preocupações litterarias o não desviavam de estudos mais áridos, escreveu alguns artigos sobre a reforma hypothecaria, e em seguida começou a escrever, sempre no *Correio Mercantil* umas revistas semanaes, intituladas: *Ao correr da penna* assignadas com a sigla Al.

Em julho de 1855 sahiu da redacção do *Correio Mercantil*, e passou a collaborar no *Jornal do Commercio*, onde escreveu, entre outros artigos, um a respeito de Thalberg, outro a respeito do Othello e outro ácerca do padre Mont'Alverne. Em outubro de 1855 assumiu a direcção do *Diario do Rio de Janeiro*, que conservou até 1858.

Em 1856 publicou o seu primeiro folheto, que devia ser seguido por tamanho numero de volumes. Esse folheto intitulava-se: *Cartas sobre a confederação dos Tamoyos*, e era uma collecção de folhetins que haviam sido publicados no *Diario do Rio de Janeiro*, e em que se fazia a critica do celebre poema de Gonçalves Dias.

Em 1857, finalmente, sahia o *Guarany* o famoso romance brasileiro, que produziu um verdadeiro enthusiasmo, e que deu a José d'Alencar os fóros, emquanto a nós merecidissimos, de primeiro romancista brasileiro. Alguns criticos rabujentos notavam que aquelles Indios de José de Alencar eram *plus beaux que nature*, que eram uns Indios ideaes, muito diversos das creaturas porcas, rebaixadas e deprimidas que representam na actual civilisação brasileira o elemento indigena. Esses criticos porém esqueciam-se de uma cousa: de que os Indios actuaes não são os Indios que viviam livremente na floresta, na plenitude da sua força e da sua independencia, e tambem de que, se os guaranys de Alencar são pelo menos Indios de excepção, Indios de excepção eram tambem de certo aquelle suave Uncas, o ultimo dos mohicanos, e o pensativo Chingachgook, que viviam em tão santa harmonia com o Longa Carabina, aquelle Nathaniel Bempo, personagem querido de Fennimore Cooper.

Mas os protestos, se os houve, desapareceram no meio do coro unisono dos applausos. O Brazil tinha finalmente uma litteratura sua, bem sua, romances que se não modelavam pelas formas velhas e gastas dos romances europeus. A America do Sul tinha enfim o seu Cooper.

Pery, Izabel, Alvaro, Ayres Gomes foram personagens que ficaram, para sempre gravados no espirito do publico brasileiro, e, para mais se consagrar a gloria do *Guarany*, até o grande maestro brasileiro Carlos Gomes escolheu este formoso romance para d'elle se extrahir o *libretto* da sua opera o *Guarany*, que é a sua obra prima, a obra prima da musica brasileira, e uma das notaveis operas do nosso tempo, que já hoje tem fama universal, e é representada com applauso em todos os theatros do mundo.

O que, porém, sobretudo se apreciava no *Guarany*, e a esse respeito não havia diversidade de opiniões, era a belleza incomparavel do estylo, a magnificencia das descripções da natureza.

Ao mesmo tempo tentava José de Alencar o theatro, e, depois de fazer representar uma comedia de valor secundario *Verso e reverso*, dava ao theatro a sua obra prima, tambem uma das obras primas do theatro brasileiro, *O Demonio familiar*. É esta comedia um magnifico estudo dos costumes brasileiros, e foi decerto um profundo golpe vibrado á escravatura, porque o seu entrecho se cifra principalmente na demonstração da influencia nefasta do *moleque* na familia brasileira. *O Demonio familiar* é esse moleque, elemento permanente de discordia e de desmoralisação.

O *Guarany* e o *Demonio familiar* bastavam para assegurar a gloria de um escriptor; mas José de Alencar foi sempre consummido por uma sede insaciavel de escrever. Trabalhava com uma rapidez tal que isso prejudicava muitas vezes o acabado das suas obras, e impedia-o de lhes fazer attingir a perfeição, a que poderiam aliás ter chegado tanto quanto isso é possivel a obras humanas.

No theatro, pois, ao *Demonio familiar* e ao *Verso e reverso* seguiram-se o *Credito*, e os *Jesuitas*, drama que foi retirado de scena, porque o publico abandonou por tal forma o theatro em que elle se representava que diz um critico de Alencar, que talvez no Rio de Janeiro não fosse visto por um cento de pessoas. Esta ausencia do publico indignou muito José de Alencar que, publicando o drama, o precedeu de um prefacio em que diz que dava o drama á luz publica, só para que se visse que, se o theatro brasileiro não

existia, não era por falta de bons auctores, nem de boas peças, mas sim pelo inqualificavel retrahimento do publico. Este accesso de vaidade não era permittido a um homem de tão verdadeiro merecimento como era José de Alencar. Effectivamente não tinha razão alguma: o drama os *Jesuitas* era detestavel, pueril, sem caracteres bem desenhados, sem acção logica, sem cousa alguma do que constitue verdadeiramente o merito de uma obra litteraria.

Não desanimou Alencar, e deu á scena as *Azas de um Anjo*, drama que se modelava um pouco pela *Dama das Camélias*, com a excepção de que no fim Margarida Gautier casa com Armand Duval. Um critico brasileiro muito divertido, que assigna com as iniciaes J. S. uma obra verdadeiramente inepta intitulada *Manual de litteratura*, diz a respeito das *Azas de um Anjo* o seguinte:

"É uma tocante oração em favor da perdida.

"No fim, sobretudo, no casamento d'esta com Luiz, nada ha de francez. É um traço de bondade e abnegação, proprio do character brasileiro, que o francez não approvaria."

Esperamos ainda assim que no Brazil não sejam extremamente vulgares esses actos de abnegação e de bondade, porque a geração que resultasse d'estes actos de bondade podia ser exquisitamente qualificada.

Mas o que é curioso é que, apesar d'esta peça ser a apothese do character brasileiro, a auctoridade prohibiu que se representasse, e J.S. acha muito justa a prohibição. Já se vê que não quer que no theatro se ponham em relevo para ensinamento do publico a bondade e a abnegação tão proprias do character brasileiro.

José de Alencar acudiu em defeza da sua peça na imprensa, e outros escriptores o apoiaram. Effectivamente a pudibunda censura brasileira mostrou-se muito mais transigente com peças de um valor muito inferior ao das *Azas de um Anjo*.

A ultima peça de José de Alencar foi a *Mai*, representada em 1860.